

Laelias Brasileiras · Noções, espécies e cultivo · 5

FRANCISCO MIRANDA¹

Como dito no número anterior, agora trataremos de um subgrupo dentro da secção Parviflorae, incluindo as espécies de flores róseas e rôxas. Com relação ao porte vegetativo, temos apreciável variação de espécie para espécie, desde as mais baixas, como *L. ghyllanyi*, até a mais alta, *L. crispata*. A variação de época de floração é apreciável, mesmo quase durante todo o ano temos espécies pertencentes a este grupo floridas. Caracteres importantes para a separação das espécies são, ainda, além de detalhes florais, o porte vegetativo e a relação da altura da haste floral com a da planta. Aliás, pensando nas *Laelias* rupícolas como um todo, esta relação de altura da planta com haste floral é importante sobretudo nas rôxas e amarelas, mas, como veremos mais adiante, devemos ter um certo cuidado.

Nos números anteriores da série, listamos e fizemos breve descrição de todas as espécies de suas respectivas secções. Nestes capítulos tratando das rupícolas, entretanto, mencionaremos apenas as espécies mais conhecidas ou características, pois não poucas espécies são obscuras e outras ainda não têm seu habitat conhecido e não são ou nunca foram vistas em cultivo. Tendo em mente citarmos espécies suficientes para caracterizar bem os grupos, temos as abaixo, entre as róseas e rôxas.

Laelia crispilabia

Uma espécie muito comum, mas extremamente confundida na literatura especializada. Isto porque se chegou a considerar a espécie como raríssima e a espécie extremamente abundante ao redor de Belo Horizonte, nas serras de minério, como espécie à parte, a saber, *Laelia mantiqueirae*. Muitos observadores já tiveram oportunidade, entretanto, de verificar no habitat a variabilidade da espécie, de modo que atualmente tende-se a considerar as *L. mantiqueirae* como formas mais robustas que ocorrem na parte sul da faixa de distribuição da espécie. A época de floração vai de março até agosto, concentrando-se em abril-maio. As formas típicas de *L. crispilabia* são encontradas, como dito, nas serras de minério de ferro próximas a Belo Horizonte, na maior parte das vezes expostas à insolação total, sobre lajes abertas. Pode ser considerada como a *Laelia* rupícola mais frequente em seu habitat, e muitas vezes é impossível não pisar sobre elas ao caminhar nestes locais. Nestas plantas de locais mais expostos, a planta toda raramente ultrapassa 15 cm de altura, os pseudobulbos são robustos e as folhas muito carnosas e eretas, às vezes tudo com matizes rôxos sobre o típico "verde-alface" da planta. As inflorescências são altas, atingindo até mais de 40 cm, e as flores são róseas, de claras a escuras, geralmente com labelo orlado de rôxo-escuro, concentrando-se no terço fi-

¹Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.

Laelia
crispilabia

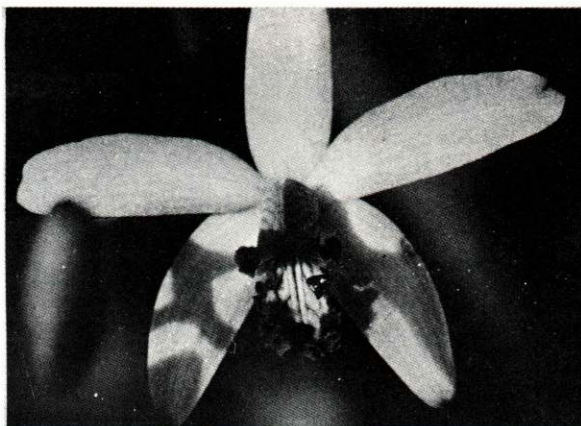


Foto: F. E. Miranda

nal da haste. Devido a esta alta frequência no habitat, muitas variações são citadas para a espécie, incluindo raríssimas albas e coeruleas até frequentes concolores, estas com labelo sem a orla escura. Muito raras são ainda as chamadas "áureas", com tubo do labelo amarelo, quando este normalmente é branco.

Laelia crispata

Mais conhecida popularmente como *Laelia rupestris*. É outra espécie muito comum em seu habitat, entretanto, sua faixa de distribuição é bem mais ao norte, de modo que esta espécie e a anterior não são encontradas juntas. Antes, a presente é encontrada em formações cristalinas, e quase nunca tão exposta à insolação como a anterior. Seus pseudobulbos são fusiformes, bem altos, geralmente entre 15-20 cm, e são encimados por uma folha carnosa, acanuada e ereta, igualmente longa. As plantas são muito características por formarem touceiras compactas e pelo fato das folhas terem geralmente uma aparência acinzentada devido a um revestimento protetor que aqui não interessa ser discutido em sua composição. A inflorescência está protegida por uma espata igualmente bem desenvolvida e ereta, e em altura excedem as folhas. Aqui é interessante discutir um pouco mais sobre o que foi dito a respeito da relação entre altura da planta e da inflorescência. Em plantas que são encontradas nas condições habi



Laelia
crispata

Foto:

F. E. Miranda

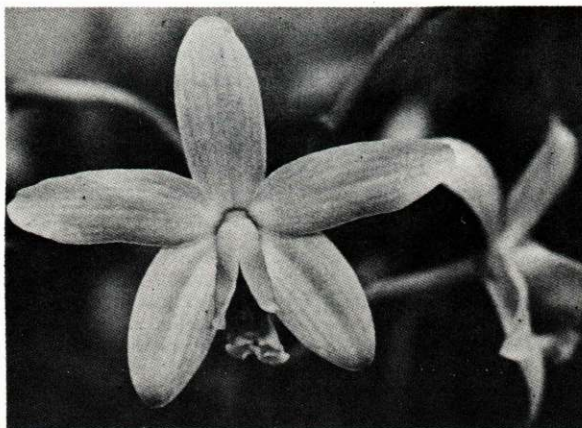
tuais na natureza, isto é, crescendo em fendas de rochas, e desta forma tendo porte alto, as inflorescências pouco excedem a altura da planta. Entretanto, em alguns casos em que as plantas habitam locais abertos, e desta forma mal atingem 10 cm de altura, as inflorescências chegam a ter mais de três vezes sua altura, daí olharmos com atenção outras características, quando encontramos plantas sem flores, mas com hastes secas. Isto é válido para muitas outras espécies. Voltando às flores de *L. crispata*, são estas bem estreladas, rôxas em vários tons, geralmente tendo coloração mais clara para a base dos segmentos. O labelo tem disco branco e os bordos rôxo-escuros, e entre as variações de colorido podem ser confirmadas semi-albas e albescens. As flores abrem-se em curta sucessão, de baixo para cima, e chegam a ficar todas abertas ao mesmo tempo. Sua época de floração concentra-se em agosto-setembro, mas desde julho até novembro podem encontrar plantas floridas.

Laelia ghyllanyi

Espécie relativamente pouco conhecida em cultivo e muito difícil de ser encontrada em seu habitat. Sua área de ocorrência é no limite sul do habitat da *L. crispata* e é restrita a poucas pedreiras. O motivo de ser aqui tratada deve-se a seu característico porte vegetativo, já que as plantas raramente atingem 10 cm de altura, sem flores. Floridas pouco passam disso, já que as hastes florais são apenas um pouco mais altas do que as folhas. Isso nas plantas que crescem bem expostas à insolação. Nas poucas plantas que crescem em locais mais protegidos, o porte é um pouco mais alto, e nestes casos, as inflorescências são aproximadamente da mesma altura das folhas. As plantas, na maior parte das vezes possuem forte coloração rôxa nos pseudobulbos e folhas. Os pseudobulbos são cônicos, mas quase redondos, e as folhas são carnosas, acanoadas, curtas e bem carnosas. As inflorescências estão protegidas por pequenas espátas e podem produzir até 7 flores, rôxas com labelo de disco branco e bordos rônos. Uma característica interessante quanto à coloração é o fato de muitas plantas apresentarem como que um "flameado" nas pétalas, formando um efeito muito interessante. Sua época de floração é em outubro-dezembro, e as variações de colorido mais conhecidas se limitam à tonalidade do rôxo das sépalas e pétalas.

Laelia lucasiana

Também conhecida como *L. ostermayeri*. Talvez, seja, dentro das espécies de Laelias rupícolas rônas a que mais se destaca das demais, isto por uma série de características, tanto vegetativas como florais. Vegetativamente, geralmente as plantas são robustas, porém baixas. Os pseudobulbos são quase sempre redondos, devido à exposição destas plantas à insolação, e com até 3 cm de diâmetro. As folhas são acanoadas, muito carnosas, e também quase redondas. Muitas vezes, as plantas apresentam matizes arroxeados. As inflorescências são relativamente baixas, em geral em torno de 10 cm de altura, assim apenas um pouco mais altas do que as folhas. As flores aparecem em número de 2-5, raro mais, no terço superior da haste. Sua coloração, entre tanto, é o que melhor caracteriza a espécie. As sépalas e pétalas são de rôseo claro até escuro, uniforme, e o labelo é de um amarelo-alaranjado vivo, produzindo contraste muito agradável. No total, as flores, que são bem abertas, têm entre 3 e 5 cm de diâmetro, e seu colorido tem se mostrado dominante na produção de híbridos rônos, passando o colorido amarelo no labelo. Seu habitat é nas serras dos arredores de Belo Horizonte, e sua época de floração vai de setembro a novembro.



Laelia
lucasiana

Foto:

F. E. Miranda

Laelia fournieri

Outra espécie muito interessante que está incluída neste grupo por dois motivos, além do fato de não se encaixar bem em nenhum dos outros. O primeiro é o fato da espécie ser ainda motivo de dúvidas pelo fato de ser, por muitos, considerada como mera variedade alba de *L. lucasiana*, devido a uma certa semelhança de porte, apesar de *L. fournieri* ser menos robusta em média. Isto já causou confusão a botânicos do quilate de F. C. Hoehne. Entretanto, populações inteiras desta espécie são encontradas isoladas de *L. lucasiana*, e a forma das flores, menores e mais estreitas em seus segmentos, a diferencia bem. As inflorescências são ainda bem mais delicadas e altas, apresentando frequentemente 5-7 flores. O segundo motivo diz respeito à coloração. Apesar das flores serem brancas, muitas vezes apresentam matizes arroxeados na face externa dos segmentos. Com isso tudo podemos concluir que a espécie é na verdade um intermediário entre *L. lucasiana* e *L. reginae*, espécie a ser mencionada a seguir. Seu habitat é em serras de rochas cristalinas, e sua época de floração é dezembro-fevereiro.

Laelia reginae

Pequena espécie ocorrente nos arredores de Belo Horizonte, tendo flores com cerca de 2 cm de diâmetro. São plantas que vivem nos bordos de moitas de pequenas *Vellozia* (conhecidas como "canelas-de-ema"), onde conseguem muita luz e ao mesmo tempo proteção contra excesso desta. As plantas são muito pequenas, raramente ultrapassando 5 cm de altura total, e quase sempre são bastante arroxeadas. As inflorescências são baixas, geralmente algo como 5 cm de altura, e apresentam até 5-7 flores, mas geralmente menos. Estas são róseas claras a quase brancas, com labelo amarelo. Sua época de floração é agosto-novembro.

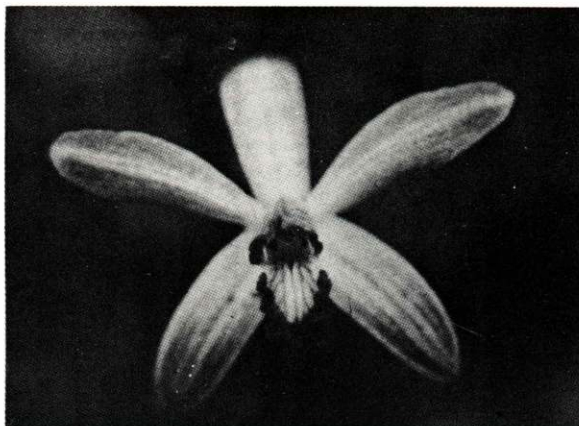
Laelia liliputiana

É sem dúvida a *Laelia rupícola* de menor porte vegetativo, daí ter recebido este nome, em alusão aos habitantes minúsculos da estória de Gulliver. As plantas muito raramente ultrapassam

4 cm de altura, e floridas mal chegam aos 5 cm, e isso raramente. As inflorescências produzem poucas flores de tamanho médio de 1,5 cm. Estas são rãs com labelo amarelo orlado de rã. Seu habitat é muito restrito e frequentes incêndios nas lajes de pedra que habitam têm reduzido drasticamente as populações. Além disso, é uma das poucas espécies onde podemos considerar coletadores como responsáveis reais pela diminuição do seu número na natureza, já que um saco cheio delas significa milhares de plantas, o que num habitat restrito como o da espécie faz muita diferença.

Laelia pfisteri

Esta espécie não chega a ser característica no porte e nas flores, mas aqui é mencionada para que possamos fazer uma idéia mais perfeita da área de distribuição das espécies deste grupo. Esta é uma espécie de *Laelia rupícola* cujo habitat é a serra do Sincorã e arredores, na Bahia. As plantas possuem pseudobulbos fusiformes, relativamente altos e folhas pouco acanoadas, quase planas, recurvadas para trás. Estas plantas atingem até 25 cm de altura total, raro mais, e são sempre bastante arroxeadas. As inflorescências são altas, até 50 cm, e as flores abrem-se sucessivamente, de baixo para cima. Estas são rãs, com algum esmaecimento para a base dos segmentos, e o labelo é branco orlado de rã-escuro. Em seu habitat, vivem entre arbustos, assim protegidas do excesso de insolação. Sua época de floração é setembro-dezembro.



*Laelia
pfisteri*

Foto:

F. E. Miranda

CONCLUSÃO

Este breve tratamento de forma alguma menciona perto de todas as espécies de *Laelias rupícolas* de flores rãs, mas serve para dar uma idéia da variação, tanto de porte vegetativo como de flores, além de abranger toda a área de dispersão destas plantas, que como se pode ver, é bem grande. Foi evitado, também, mencionar espécies duvidosas ou que pouco se diferenciem de outras, pois o objetivo aqui é dar uma idéia do grupo, apenas. Este mesmo tratamento será dado ao grupo de flores amarelas, onde estas espécies pouco claras são ainda mais frequentes.